

MÍDIA, CORPO E CIDADANIA: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA SOCIEDADE MUDIÁTICA

Adilson Francelino Alves¹
Adriana Martin Ramazotti Alves²

Resumo

Este texto tem como objetivo discutir algumas questões da formação social e da localização do indivíduo frente ao mundo da mídia. O foco central está na discussão de questões emergentes no Brasil atual, sobretudo com relação à mídia e sua posição de simulacro. Procurou-se estudar os limites e as potencialidades dos indivíduos pobres – em uma sociedade excludente como a brasileira. Nosso objetivo foi também o de lançar luz sobre as dificuldades da grande parte da população brasileira; de colocar-se enquanto cidadãos/indivíduos desde os tempos da colonização com o sistema escravista de trabalho. A utilização deste tipo de mão de obra ainda determina os destinos de muitos. Para tanto nos utilizamos de alguns autores para referência, dentre os quais destacamos Guy Debord, Adorno, Horkheimer e Michel Certeau.

Palavras-chave: cinema, cidadania, sociedade espetáculo.

Introdução

Possuem as Sereias arma mais fatal que seu canto: o silêncio...
É concebível que alguém tenha escapado às suas canções; mas de seu silêncio, decerto jamais.
Franz Kafka, Parábolas

Este texto procurará estabelecer uma relação interdisciplinar³ entre duas abordagens sobre o sujeito e sua constituição na sociedade brasileira contemporânea, perpassando por uma tentativa de discussão apresentados por dois filmes, a saber: *Solaris*⁴ e *Livro de Cabeceira*⁵ (ambos utilizados mais como fonte de inspiração pictórica do que pela tentativa de confecção de uma análise aprofundada). Utilizaremos para a construção deste texto os trabalhos de Adorno e Horkheimer (*Dialética do esclarecimento*), Certeau (*A invenção do cotidiano*) e Debord (*Sociedade do espetáculo*). Além de outros textos, que serão chamados para contribuir para a elaboração do texto.

A síntese interdisciplinar se dará na tentativa de utilizar a sociologia, o cinema e a filosofia. Isto na verdade, já tem sido feito com muita competência por diversos autores. Contudo, nosso intuito é contribuir, embora com limites, com a reflexão em torno do tema.

Em 28 de dezembro de 1895 os irmãos Lumière fizeram a primeira projeção cinematográfica da história. Neste episódio projetaram um trem chegando a uma estação, o que provocou o pânico entre os espectadores que assistiam incrédulos e que não conseguiram distinguir entre realidade e fantasia. As imagens em movimento provocaram um tumulto. Todos saíram correndo, julgando que o trem fosse real. Era o anúncio do poder da imagem sobre as massas.

Em 1995 o filme 'Livro de cabeceira', baseado na vida e na obra de uma escritora cortesã japonesa do século X, (Nagiko Kiyohara no Motosuke Sei Shonagon), retrata os rituais da caligrafia no corpo humano, feitos por uma outra Nagiko do século XX. Este filme explora amplos aspectos simbólicos, que podem fornecer pistas interessantes sobre a utilização da escrita como processo de dominação. Uma das cenas mais fortes do filme refere-se à transformação de Gerome, amante de Nagiko, em um pergaminho por um editor que corta transversalmente toda a história da protagonista (fora amante do pai, do marido e do amante de Nagiko). Ela sente prazer quando escreve sobre os corpos. Mas pressionada pelo editor, e para satisfazer suas exigências, se compromete a escrever 13 livros sobre a pele de mensageiros que serão enviados sem aviso prévio ao ambicioso editor (o do amante, cujo mensageiro é Gerome, é o sexto livro). Em determinada altura da trama, Gerome morre. O editor viola o túmulo de Gerome, arranca-lhe a pele e a transforma em um livro. No final do contrato com o editor, Nagiko envia o décimo terceiro livro, o Livro da Morte. O conteúdo deste 'livro' condena o editor à morte; no corpo do mensageiro (que executará a sentença de morte) está escrito:

Na época dos antigos samurais, quando prendiam os criminosos tatuavam seus crimes em seus corpos. Você é um criminoso, merec carregar a vergonha de seus atos para sempre. Mas os seus crimes não estão escritos em seu corpo. É em sua alma que eles estão escritos. Deveriam estar à mostra para todos verem como é sujo. A única verdadeira posse de um ser humano é o amor que ele possui. Tudo se acaba ou então se consome, menos o amor. A única coisa que levamos da vida é o que nós sentimos. Os homens desonrados não merecem o Dom da vida. Você não tem honra. Você não merece viver. (Texto escrito no corpo do mensageiro que executa o editor com um golpe típico dos samurais).

Em 1972, o romance Solaris, do russo Stanislaw Lem, foi filmado por Andrei Tarkovski. Nele é mostrado um estranho planeta que origina uma "nova ciência" chamada "solarística", que procura desvendar os mistérios deste planeta. Diversas missões espaciais são enviadas, sem muito su-

cesso, até que começam acontecer alguns problemas na estação espacial. É quando Kelvin, um psicólogo, é chamado para 'resolver' tais problemas. A trama é bastante complexa e entra em questões filosóficas e morais muito interessantes. Entretanto para fins deste trabalho gostaria de congelar apenas a fala de um dos personagens, um físico, que diz mais ou menos o seguinte: "A humanidade não precisa de outros planetas, ela necessita é de espelho!"

Será deste ponto de partida duplo (A pele como pergaminho – e suporte para inscrição da lei - e o espelho para nos refletir) que pretendemos escrever este texto. A intenção é fazer uma pequena reflexão da condição histórica dos sujeitos silenciosos da história brasileira. Obviamente, os temas tratados nos filmes são transversais, não tocam diretamente no tema. Entretanto, são temas universais, cabendo desta forma, como ponto de partida para a nossa reflexão

Espetaculo e Realidade

Há alguns anos o cinema brasileiro tem freqüentado a Academia na concorrência pelo Oscar. Todo ano acontece uma espécie de êxtase cultural. As televisões repetem à exaustão trechos dos filmes, mostrando a qualidade da nossa produção cultural com destaque para a técnica, iluminação, roteiro, direção e a qualidade de nossos atores e atrizes. Além disso, o que oferecemos ao mundo como valor simbólico de qualidade e que nos projeta como nação culturalmente tem em sua grande maioria origem nas populações pobres, como o samba, o carnaval, o futebol, o culto à beleza da mulata dentre outras manifestações culturais.

Entretanto tudo seria muito bom se o que não estivesse à mostra⁶ não fossem as nossas mazelas e dívidas históricas.

Estamos ainda 'encalacrados' em algum lugar do passado. Problemas históricos colocados 'debaixo do tapete' insistem em se apresentar para serem resolvidos. A questão é: sem a solução destes problemas do passado será possível reivindicar um lugar no futuro⁷?

Uma nação profundamente desigual, assimétrica e injusta que se construiu e se projetou internacionalmente sob os escombros de aproximadamente 12 milhões de escravos negros, sem contar os indígenas (cujo genocídio não foi menor, haja vista o número de indígenas vivos atualmente⁸). Os reflexos de um passado extremamente injusto perseguem "como um pesadelo os cérebro dos vivos". As denúncias recentes sobre casos de escravidão no Brasil, ampliam no tempo e no espaço as palavras de Nabuco "A escravidão no Brasil nunca será um passado...".

Parece *natural* que não se discuta o conteúdo implícito destes filmes. O que conta é a 'beleza estética da obra', a miséria vista como espetá-

culo. A miséria nacional⁹ é obviamente fruto de incessantes debates parlamentares, acadêmicos e até 'filósofos de botequim' esforçam-se por compreendê-la. As palavras da moda são agora: solidariedade, cidadania, voluntariado dentre outras com o mesmo sentido. Parafraseando Sérgio Buarque de Holanda 'a cidadania no Brasil é um lamentável mal-entendido, uma elite mesquinha preocupada com modismos procurou incorporar essas novidades em qualquer lugar, para garantir seus privilégios (...)', não se ataca o essencial. Mas o que é essencial, neste oceano de injustiças históricas?

Em meados do século XIX e, principalmente nos anos 1920 e 1930 foram escritos diversos trabalhos sobre a nossa formação histórica, sobre o povo brasileiro, sobre o negro, o português, o iberismo, etc. Desta forma, Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, Paulo Prado, Monteiro Lobato, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e mais recentemente Darcy Ribeiro (...) dentre muitos que se lançaram na árdua tarefa de compreender o Brasil e os brasileiros.

Darcy Ribeiro, por exemplo, diz que nós somos um ser consubstanciado misto de dois, torturador¹⁰ e torturado, onde a violência aparece como marca permanente:

A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, se viciar e machucar os pobres que lhe caem às mãos. (Ribeiro, p. 120, 1995)

É possível fazer desfilar uma série interminável de citações com este teor de crítica, o que aponta para uma direção, ou seja, a necessidade de compreender a formação histórica e os novos desafios colocados na pauta.

A violência generalizada sobre os pobres é comum, banalizada e tornada cotidiana. Todas as formas de atrocidades entram no pacote 'cultural' de nossa mídia. Não há horário específico, pode ser no almoço, no jantar, antes ou depois não importa: cenas de cadáveres reais invadem as casas, os dramas particulares atingem as massas. Ampliando a sensação de que 'alguma coisa precisa ser feita sobre esse assunto e contra esses incivilizados'.

Num misto de Sade com Debord, uma violência brutal transforma-se no espetáculo cotidiano, assistido diariamente por milhões em todas as emissoras brasileiras. No conforto das casas, o espectador, sente algo entre o alívio e ansiedade pelo próximo 'espetáculo' televisivo¹¹: "Graças a Deus¹² que não fui eu!"¹³, exclama o incauto, aliviado e agradecido por

mais um dia de sobrevida. E no dia seguinte e no próximo a atrocidade mais recente apaga da memória a anterior, deixando um rastro de resignação. A sensação de “*eu já vi isso antes*” reaparece sempre que se aperta a tecla *power*.

Quando essa violência diária é “assumida como normal” e até em certos casos glamorizada, o tecido conjuntivo vivido por muitos se torna imanente e mediatizado, explicado através das imagens que fabricam a ‘realidade’. Desta forma, as experiências (reais ou imagéticas) vividas por múltiplos indivíduos, acabam por constituírem-se na base comum, compartilhada e enraizada na sociedade como um todo.

Capturada pelas lentes e encenada, a violência assume outros ares, “parece Hollywood”, mesmo que uma sensação de incomodo e labirinto fique no ar quando assistimos a tais filmes, tudo parece tão real e ao mesmo tempo sabemos que é uma projeção...mas... tão real que se torna um paradoxo.

Nosso tempo, sem dúvida . . . prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser. . . O que é sagrado para ele, não passa de ilusão, pois a verdade está no profano. Ou seja, à medida que decresce a verdade a ilusão aumenta, e o sagrado cresce a seus olhos de forma que o cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado. (Feuerbach, Prefácio à segunda edição de *A Essência do Cristianismo* –Apud Debord, p. 13, 2003).

A frase acima nos permite entender um pouco essa sensação, mas, diria também, para a sociedade brasileira, à medida que aumenta a realidade a ilusão aumenta. Paradoxo!?

A estatueta do Oscar assume neste momento um poder totêmico-sagrado e aparentemente teria o poder de nos redimir, tirando-nos do dilema e nos projetando em direção ao *primeiro mundo*. Seria *nossa* realização. A apresentadora de televisão Hebe Camargo diria o seu bordão: “É uma gracinha!”. Nossa miséria, a morte física e psicológica de milhões de jovens pobres seria reduzida a isso: *uma gracinha*.

Nosso dilema tem agora um novo componente, somos historicamente um povo que assimilou e mimetizou praticamente tudo que se produziu fora. De bom e de ruim.

Nesse sentido, é importante que se diga que o processo de assimilação/ mimetização, não deve ser visto como algo irracional – podemos dizer no entanto que ele é a-teórico. O pensamento teórico possui uma natureza paradoxal (instrumentalização e formalização) ambas têm como “tarefa” ou “pretensão” imporem-se como ‘padrão teórico’, sobre as experiências cotidianas a-teóricas inferiorizando-as.

O cotidiano, em seu fluxo constante, é constituído por explicações pré-científicas, mas também é permeado pela teoria. Oscilando entre esses estes dois pólos, a vida cotidiana é reordenada constantemente – adquirindo uma justificação interpretável e estruturada.

A compreensão ou mesmo a interpretação destas manifestações culturais não podem ser compreendidas quando observado apenas um único nível ou manifestação. Desta forma, a representação, em si, não contém todos os elementos para elucidar ou revelar sua essência. É necessário buscar outras conexões, outros níveis de acesso aos sentidos.

Seguindo os rastros teóricos dos autores analisados, podemos observar algumas pistas bastante interessantes que poderão nos levar a uma explicação (ou várias) que sejam minimamente plausíveis. Certeau, Adorno e Horkheimer fornecem, no nosso entendimento, indícios bastantes válidos.

Podemos observar que há no contexto atual uma exacerbação do processo de instrumentalização racional, onde a dinâmica social é fragmentada em pequenas doses, para serem digeridas. Mimetizados no cinema e na televisão a realidade jamais aparece inteira. Destituído de sua aura e mediatizado pela mídia, o real transforma-se e, como num caleidoscópio, apresenta-se em múltiplas imagens.

O conteúdo essencial da *mimesis* é a identificação com a natureza. Logo, traz em sua essência a tentativa de imitar o objeto real. Entretanto no processo onde ela é substituída pela razão (instrumental), pode-se perceber o distanciamento do sujeito em relação a si mesmo e ao objeto submetido a *ratio*. O distanciamento se dá exatamente pela interposição da noção de instrumento.

É verdade que a representação é só um instrumento. Pensando, os homens distanciam-se da natureza a fim de torná-la presente de modo a ser dominada...Pois o pensamento se torna ilusório sempre que tenta renegar sua função separadora, de distanciamento e objetivação (Adorno e Horkheimer, *Dialética do esclarecimento*, p. 42, 1985).

Enquanto a *racionalidade formal* se projeta na perspectiva de constituição dos saberes e de explicações sistematizadas e universalizadas a tal ponto que se propõe a ser isenta de contradições, a *racionalidade instrumental* apropria-se do 'objeto' e o 'coisifica', sua meta é a dominação da natureza e da vida (traduzida nos processos sociais).

A representação do 'mundo da vida' (parafraseando Habermas) constituiu-se por sua vez na profusão de imagens desconectadas, e desconexas de seu contexto. O cotidiano toma forma mediatizada pelas imagens, in-

vertendo a *lógica formal*¹⁴.

As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida. A realidade considerada *parcialmente* reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo *à parte*, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo (Debord, *A sociedade do espetáculo*, pág. 13, 1995).

Neste contexto, como disse Durkheim em 'Formas elementares da vida religiosa', a sociedade adora a si mesma. A televisão como um totem, a imagem como um tabu. Entretanto, obviamente, isto é extremamente mais complexo que nas sociedades totêmicas. Num jogo contínuo de imagens, não é a 'realidade material', mas sim aos seus fragmentos que se referem às imagens. Imagens refletindo imagens num movimento circular.

A realidade está fragmentada – desfocada no centro e na periferia – em uma parte do mundo, onde o 'centro' não é o mundo todo, mas este se impõe como superior ao restante. O espetáculo mundial¹⁵ materializa-se como extensão de uma razão instrumental. Num processo antropofágico a fluidez do mundo é tragada e, quando reelaborada, é devolvida aos fragmentos. Entretanto, estes pedaços de realidade encontram na sua forma '*espetacular*' uma aura de totalidade, não apenas explicativa mas portadora da capacidade de se tornar catalizadora de uma *realidade* já devidamente mitificada ou *glamourizada*, transformando-se em motor da própria realidade, 'fazendo o mundo girar'.

A racionalidade inerente ao processo se exterioriza, ora como um impulso vital que substitui a própria realidade, ora lançando-se na constituição de saberes, explicações, esquemas de mundo dentre outros que, ao olhar desatento, parece uma atividade sistemática, unificada e isenta de contradição.

Sangue e férias

Trazendo novamente a discussão para o Brasil podemos verificar que no cotidiano vivemos num cenário hobesiano, todos têm medo¹⁶, segundo o Data Folha (2002) 85% das classes D/E têm medo de assalto e até os mais pobres¹⁷ têm medo de seqüestro:

Quando alguém se aproxima de mim na rua, tenho uma sensação de frio no estômago, como se o medo se transformasse numa reação física. Se fico muito assustada, saio correndo (Angélica Gomes, 17 anos estudante – Folha de São Paulo: Caderno Cotidiano 17/02/2002).

“E a vida do homem, solitária, pobre, sórdida, brutal e curta”. Hobbes disse isso no século XVII. Hoje poderíamos acrescentar também ‘espetacular’, normatizada, reduzida e banalizada. A guerra generalizada teria levado, segundo Hobbes, os homens a fazerem um pacto, criando o Estado artificial que os submeteria a uma férrea disciplina, e teriam como única garantia a sua vida preservada.

O Estado entretanto foi além, produziu normas rígidas de repressão civilizatória, capaz de refrear não apenas o ‘impulso de sobrevivência’ de Hobbes (*conatus* que lança o homem, dentro de um esquema mecanicista, vencer sempre ou morrer) mas também de calar e subjugar normativamente cada momento da vida de todo cidadão – do nascimento à morte. Normas, regras e especialistas tomam conta e dão sugestões que preenchem minuto a minuto a existência.

O processo civilizatório tratou de reprimir e normatizar a vida cotidiana. Não se trata apenas de controlar “Eros e tânatos”. Trata-se de estender a todo o imaginário uma forma de ‘realidade’ construída a partir de pontos de representação de papéis, impondo o espetáculo como norma social.

A escrita ou a ‘economia escriturística’, como disse Certeau desempenhou (e desempenha) um papel fundamental na configuração das sociedades modernas.

A dominação da escrita e a construção de normas sociais e civilizatórias, fizeram um processo colonizador (o europeu ocidental) a escolher uma raça como escrava, colocá-la fora da raça humana e criar mecanismos ideológicos extremamente eficazes para justificar essa idéia que perdurou por séculos. As estruturas sociais do Brasil nasceram no bojo deste processo. Desde a formação inicial do Brasil, a mão de obra escrava exerceu papel fundamental em todas as dimensões da vida social do brasileiro (e como herança ainda está muito presente).

A determinação de papéis, cargos, a atuação no sistema social passa pelo processo de dominação (no sentido weberiano do termo) e desde muitos séculos vem se especializando e se burocratizando, criando novas formas de subordinação. No Ocidente a bíblia desempenhou um papel fundamental, não apenas estruturando a igreja, mas a própria sociedade. Este processo foi aplicado com sucesso na Europa e depois exportado para o novo mundo.

Não se poderia superestimar a relação fundamental do Ocidente com aquela que foi durante muitos séculos a Escritura por excelência, a Bíblia. Simplificando a história (vou construir um artefato, sabendo que um modelo não se avalia por suas provas, mas pelos efeitos que produz na interpretação), pode-se dizer que antes do período “moderno”, portanto até os séculos XVI-XVII, essa Escritura fala. O texto sagrado é uma voz, ensina (primeiro sentido de *documentum*), é a chegada de um “querer dizer” do Deus que espera do leitor (de fato, o ouvinte) um “querer-ouvir” do qual depende o acesso à verdade”(Certeau, A invenção do cotidiano, p. 228, 2002).

A justificação para a escravidão estava colocada ‘inequivocamente’ na Bíblia, no livro de Gênesis, (Gênesis 9, 18-27), onde o filho mais novo de Noé, ao cometer uma suposta imoralidade, é condenado a ser escravo de seus irmãos, justificando assim a servidão. Não há referências na Bíblia de que este filho de Noé fosse negro. Havia entre os gregos na antiguidade a escravidão, mas tinha um cunho diferente da escravidão racial que se estabeleceu no ocidente. Segundo Hofbauer (1999) foram os judeus e os muçulmanos que começaram a relacionar a escravidão à negritude, quando começaram a expandir seus domínios sobre a África negra. Ainda segundo Hofbauer, a ocupação da península ibérica pelos muçulmanos permitiu que se fizesse em Portugal essa interpretação bíblica. Como sabemos, essa ‘interpretação’ não se deu apenas na Ibéria, a Inglaterra também se utilizou e exportou esta ideologia para suas colônias.

O cristianismo também tem sido invocado, e do fato de ser a escravidão uma instituição hebraica, contra a qual Cristo nunca se levantou especialmente, tem-se concluído que ela não é contrária ao espírito cristão. De feito, no Congresso americano Jefferson Davis dizia em sessão de fevereiro de 1850, a propósito das resoluções de Henry Clay: “basta-me saber que a escravidão foi estabelecida por decreto de Deus todo poderoso, que está sancionada na Bíblia, em ambos os testamentos, do Gênesis à Revelação, que ela existiu em todas as idades, foi encontrada entre os povos da mais alta civilização e nas nações de maior proficiência nas artes. (In: <http://www.di.ufpe.br/~nabuco/escravidao/indice.html>).

Há muito que falar sobre este assunto. Entretanto para fins, de corte, nesta parte final do trabalho, procuraremos focar a atenção sobre as análises de Certeau sobre a ‘escriturística’ e de como esta categoria pode nos ajudar a entender a subordinação dos sujeitos às leis e às normas.

É certo que as interpretações do cristianismo e da bíblia contribuíram para a exclusão de boa parte dos seres humanos da humanidade. Apenas a antropologia, séculos depois dos grandes descobrimentos se encarregaria de recolocar 'o resto da humanidade' não europeia dentro da humanidade¹⁸.

A burguesia aos poucos vai se apropriando da escrita e dela fazendo novos usos, ampliando os domínios para além da visibilidade dos castelos dos nobres e das igrejas e mosteiros cristãos. Ela estendeu no espaço e no tempo as redes de poder e a ordem burguesa impuseram-se. Claude Raffestin, ilustra muito bem esta transformação:

Tentemos aprofundar esse problema por uma série de ilustrações. Primeiro, a mensagem fornecida pela pedra, pelos sistemas arquiteturais e esculturais, por exemplo. É, sem dúvida, partir da idéia (que é a nossa desde o início deste trabalho e que procuramos demonstrar) de que o espaço não é um dado, mas uma criação. É admitir, em seguida, que há laços decisivos entre a ocupação do espaço e uma certa orientação da vida social. A arquitetura de Caprarola nasceu de uma divisão topológica do espaço em eixos, coercivos e criadores de sentido. "Criadores de sentido" eis aí a comunicação que aparece. Transmissão de uma mensagem repleta de poder: ao lado do burgo sem estilo, portanto fora da História por estar assegurado por uma "eternidade" humana, o palácio que visualiza o poder de uma casta e que funda a desigualdade senhor-vassalo. O palácio primeiro por sua presença, em seguida por sua organização e, enfim, por sua altura, enche o meio imediato de informação. O palácio se torna um conjunto complexo de mensagens que transpiram poder. O palácio "comunica" porque constitui um sistema sêmico. Em termos espaciais, a mensagem não ultrapassa uma área limitada, não no interior da qual o palácio é visível, isto é, "lisível". Relação dialética entre aqueles que enviam a mensagem, por intermédio do conjunto arquitetural, e aqueles que recebem a mensagem (Raffestin, p. 210, 1993).

A escrita, por sua vez, se impõe para além do aspecto visível do castelo, cada novo avanço tecnológico ampliava a força da lei: "Quando uma sociedade inventa ou adota uma tecnologia que dá a predominância ou uma nova importância a um dos sentidos, a relação dos sentidos entre si é transformada. O homem é transformado: seus olhos, suas orelhas, todos os seus sentidos são transformados" (Mc LUHAN, M. *La Galaxie Gutenberg*. Paris, Gallimard, 1977. T. 1, p. 60, Coll. Idées. Apud. Raffestin, p. 211)

Fazendo digressões, nas análises sobre a formação do Brasil colonial não é difícil encontrar referências ao poder da casa grande, (e o que ela representou para os destinos do Brasil) estendendo sua força por um território reduzido, mas mantendo pela “lei de Deus” o Rei de Portugal, a unidade do Império, ‘fazendo *fazer*’ a vontade para além do espaço circunscrito pelas pedras do castelo.

Na mesma linha de raciocínio, Certeau afirma “(...)Agora, a identidade depende de uma produção, de uma iniciativa interminável (ou do desapego e do corte) que essa perda tornam necessárias. Mede-se o ser pelo fazer.” As transformações decorrentes da tecnologia, ou do modo como se utiliza a linguagem é que será a marca do novo estágio da dominação. Da domesticação do corpo. A pena áspera do direito inscreve-se sobre os corpos, coletivos ou individuais os corpos estão submetidos a um rígido controle legal. A lei ditará o que é correto ou incorreto. Hobbes faz uma interessante distinção interessante entre *lei* e *direito* que marcará profundamente como o Estado se organizará.

Uma lei de natureza (*lex naturalis*) é um preceito ou regra geral, estabelecido pela razão, mediante o qual se proíbe a um homem fazer tudo o que possa destruir sua vida ou privá-lo dos meios necessários para preservá-la, ou omitir aquilo que pense poder contribuir melhor para preservá-la. Porque embora os que têm tratado deste assunto costumem confundir jus e lex, o direito e a lei, é necessário distingui-los um do outro. Pois o direito consiste na liberdade de fazer ou de omitir, ao passo que a lei determina ou obriga a uma dessas duas coisas. De modo que a lei e o direito se distinguem tanto como a obrigação e a liberdade, as quais são incompatíveis quando se referem à mesma matéria (Hobbes, *Leviatã*, Cap. XIV. p. 101, 2001).

Com Hobbes nasce o Estado moderno e com ele o direito público, com todas as implicações dele decorrentes. A lei dirá o que é certo e o que é errado, tudo isso para proteger o homem do próprio homem. E quem nos protegerá da lei?

Segundo Certeau será na própria pele que o homem sentirá a força da lei, “do nascimento ao luto” o texto legal é impresso, regrando os comportamentos. Os sujeitos vão aos poucos sendo isolados. Primeiro um isolamento físico, os bantos longe dos bantos, os malês longes dos malês, os bornu longe uns dos outros e assim sucessivamente. Apartados de suas línguas e frios em suas tradições aos poucos vão se isolando também a cultura. Dividir para dominar. Isolado e submetido, o sujeito/indivíduo tenta reinventar tradições, num fio condutor débil, sem território e sem

pátria, ambos tornados etéreos e míticos. Esse indivíduo está à deriva, seu único lastro é uma subjetividade idiossincrática. Restam as obrigações, uma vez que a liberdade se foi.

Para que a lei se escreva sobre os corpos, deve haver um aparelho que mediatize a relação de um com os outros. Desde os instrumentos de escarificação, de tatuagem e da iniciação primitiva até aos instrumentos da justiça, existem instrumentos para trabalhar o corpo. Ontem, o punhal de sílex ou a agulha. Hoje, a aparelhagem que vai desde o cassetete do policial até às algemas e ao box do acusado (Certeau, Op.cit. p. 232, 2002).

Podemos hoje incluir formas mais sutis de dominação, que atuam da mesma maneira domesticando, conformando e formatando corpos; isolando seres aos '*seus destinos*' em setores pobres das cidades, em escolas de segundo nível, em cidadania de segunda etc...

A racionalidade instrumental e o seu aparato é o ferramental. A legislação trabalhista brasileira, uma cópia adaptada da legislação fascista, criou as férias. Oliveira Vianna, (que juntamente com Sílvio Romero e Capistrano de Abreu, partilhavam de um profundo sentimento de racismo), será o idealizador da CLT que, a partir do Estado Novo, estrutura uma política do Estado forte, organizado de acordo com a idéia de corporações, que daria forma ao "povo massa" um povo "de mestiços inferiores".

As férias, a CLT, o carnaval permitido e regrado, o Código Penal, e agora a *mídia*, completam o arsenal de instrumentos no espetáculo da dominação.

O processo se desenvolve do festival primitivo até as férias. Quanto mais se acentua a complexidade⁴⁹ do organismo social, menos ela tolera a interrupção do curso ordinário da vida. É preciso que tudo continue hoje como ontem e amanhã como hoje. A efervescência geral não é mais possível. O período de turbulência individualizou-se. As férias sucedem à festa. No regime fascista, elas são complementadas pela falsa euforia coletiva produzida pelo rádio, pelos slogans e pela benzedrina (Adorno e Horkheimer, Op. Cit. p. 101, 1985).

A descrição de Adorno e Horkheimer sobre a transformação das festas coletivas em férias individuais, substituindo o gozo coletivo pelo *individual/privado*, completa a transição da domesticação do homem e sua transformação em sujeito/sujeitado pelas normas e regras da sociedade escriturística.

Abstract

This text has as objective to go over some subjects of the social formation and of the location of the individual before the world of the media. The central focus is in the discussion of some emerging subjects now in Brazil, mainly regarding the media and imitation position. It tried to study the limits and the poor individuals' potentialities - in an excluding society as the Brazilian one. Our objective also, was launching a solution about the difficulties of the great part of the Brazilian population of placing themselves as citizens/individuals, since the age of colonization with slavery system in work. The use of this type of work still determines the destinies of many. Doing such, we made use of some authors for reference, among them Guy Debord, Adorno, Horkheimer, and Michel Certeau are the main ones.

Key-words: movies, citizenship, spectacle society.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento –* Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- Considerações gerais sobre a influência da escravidão na sociedade. <http://www.di.ufpe.br/~nabuco/escravidaao/indice.html> - Acesso 25/01/2004
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto Editora, 2003.
- DOMINGUES, Petrônio José. Negroes having white souls? The whitening ideology in the interior of the black community in São Paulo, 1915-1930. *Estud. afro-asiát.* [online]. 2002, vol.24, no.3 [cited 21 February 2004], p.563-600. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000300006&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0101-546X.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã – Ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- HOLANDA, Sergio Buarque de,. *Raízes do Brasil*. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.
- HOFBAUER, Andreas (1999). *Uma História de Branqueamento ou o Negro em Questão*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH/USP.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro – A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

RUGAI, Bastos, Elide e QUARTIM DE MORAIS, João (orgs.). *O Pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Editora da Unicamp 1993.

Tortura: impunidade que condena o país: *Folha de São Paulo*, Tendências/Debates, 20 de maio de 2000.

VIANNA, Oliveira. *Problemas da Política Objetiva*. São Paulo : Nacional, 1930.

_____, *Instituições Políticas Brasileiras*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1987.

Notas

1 Mestre em Sociologia pela UNICAMP, doutorando pela UFSC no programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Pesquisador do GETERR (UNIOESTE) e do NISRA (UFSC). Professor da UNIOESTE. E-mail adilsonfalves@yahoo.com.br

2 Acadêmica do Curso de Pedagogia da UNIOESTE.

3 Interdisciplinaridade: Refere-se a síntese de duas ou mais disciplinas – instaurando um novo nível de compreensão (metanível), criando uma nova linguagem e novas relações estruturais. 'É, portanto, comparável à síntese dos contrários, apesar de que, no caso da interdisciplinaridade, as disciplinas não sejam necessariamente antinômicas: a sua linguagem e as suas estruturas são simplesmente diferentes. (JANTSCH, E. (1995) Interdisciplinaridade; os sonhos e a realidade. Tempo brasileiro, 121 p. 31)

4 Solaris, (1972), de Andrei Tarkovski.

5 O Livro de Cabeceira, *The Pillow Book* (1995) de Peter Greenaway.

6 Não há neste texto a intenção de 'esconder do mundo' os nossos problemas. Muito pelo contrário. Trata-se de discutir neste texto alguns aspectos de nossa formação no sentido de entender estas manifestações culturais de forma mais ampla e crítica.

7 Diferentemente do que afirma Marilena Chauí "A maneira como vemos o Brasil como dom de Deus e da natureza é uma construção mítica, uma mistura de ideologia", acreditamos que o futuro parece ser o 'mito fundador' do Brasil, o futuro é lócus que nunca se realiza, mas que sempre está ali como possibilidade. Chauí fala de "A maneira como vemos o Brasil como dom de Deus e da natureza é uma construção mítica, uma mistura de ideologia".

8 Dos seis milhões de nativos estimados, quando da chegada dos europeus, restam pouco mais de 160 mil índios. Em meados dos anos 90 eram 162.266 índios. FLÁVIO, L.C. *Os bóias frias de Taciba: os meandros de sua sobrevivência nos marcos da (re) produção capitalista do espaço*. Presidente Prudente, Unesp – Faculdade de Ciências e tecnologia, 1999. Dissertação de mestrado.

9 O Brasil está em 69º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano do PNUD da ONU, entre 163 países. É o oitavo Produto Interno (PIB) mundial, mas ocupa o 113º lugar, em 116 países, em distribuição de renda (índice GINI), atrás apenas da Suazilândia, África Central e Serra Leoa. Apresenta o pior desempenho de desenvolvimento humano entre os países da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Está no grupo mundial dos países com menor renda per capita e menor escolaridade. Entre os seis mais importantes países da ALCA, o Brasil é o que apresenta as piores condições de infra-estrutura. É o primeiro em taxa de juros do bloco econômico – e o campeão mundial também. A carga tributária é superior a dos Estados Unidos.

10 A Pastoral Carcerária, a ACAT/Brasil, o Centro de Justiça Global, o Grupo Tortura Nunca Mais, a AMAR e a AFACE, divulgaram, dia 26 de junho 2002, dados atualizados das alegações de tortura, entre fevereiro de 2000 e junho de 2002. São 1631 casos de tortura documentados, com termos de representação das vítimas e reportados às autoridades competentes, no Estado de São Paulo. Entretanto esse número é pelo menos 3 vezes maior. São cerca de 4000 casos registrados informalmente pelas ONGS, em decorrência do medo das vítimas denunciarem que foram torturadas. (dados do Centro de Justiça Global: <http://www.global.org.br>)

11 “Na lógica específica de um campo orientado para a produção desse bem altamente perecível que são as notícias, a concorrência pela clientela tende a tomar a forma de uma concorrência pela prioridade, isto é, pelas notícias mais novas – e isso tanto mais, evidentemente, quanto se está mais próximo do pólo comercial.” (Bourdieu, 1997, p. 106.)

12 Segundo o antropólogo Andreas Hofbauer a justificativa para a escravidão era encontrada na Bíblia. “No livro do Gênesis, um filho de Noé, Ham, é condenado à escravidão por causa de uma suposta imoralidade que teria cometido. E essa história serviu durante séculos para justificar a escravidão na cristandade, pois é a primeira vez que aparece na Bíblia a palavra servo, escravo (...) Não consta na Bíblia que Ham era negro. Mas foram os judeus e sobretudo os muçulmanos que começaram a relacionar a cor negra com Ham, quando começaram a expandir seus domínios para o norte da África a fim de justificar a escravização de africanos, inclusive daqueles já convertidos, uma vez que o Alcorão diz que não se deve escravizar um irmão de fé”.

13 Debord afirma que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte, todo lugar é estranho.

14 Em ‘Dialética do esclarecimento’ (1985) Adorno e Horkheimer sintetizam desta maneira a noção de esclarecimento “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-lo na posição de senhores (p. 19) (...) Do medo o homem presume estar livre quando não há mais nada de desconhecido. É isso que determina o trajeto da desmitologização e do esclarecimento, que identifica

o animado ao inanimado, assim como o mito identifica o inanimado ao animado. O esclarecimento é a radicalização da angústia mítica. A pura imanência do positivismo, seu derradeiro produto, nada mais é que um tabu, por assim dizer, universal. Nada mais pode ficar de fora, porque a simples idéia do "fora" é verdadeira fonte da angústia... (p. 29)

15 Aldo Rossi – arquiteto italiano expôs em 1979, na Bienal de Veneza, a proposta do Teatro do Mundo. Mas sua proposta é colocada no sentido de topos. Um teatro flutuante que percorreria o mundo, onde a representação se daria 'e um lugar'. Hoje pelo contrário, a representação dá-se em toda a parte o 'Mundo' é o teatro. A idéia de Rossi serve para ilustrar a idéia melancólica de lugar – que não parece ter espaço nas discussões atuais.

16 Matéria da Folha de São Paulo de 17 de fevereiro de 2002, afirma que 74% da população mudou sua rotina em função do medo.

17 É bom que se diga que não compactuamos com a tese simplista de que pobreza é a causa da violência urbana. Até porque diversos dos crimes mais bárbaros apresentados pela mídia são praticados por jovens da classe média e média alta.

18 Foucault em "As palavras e as coisas" escreve que o homem é uma invenção recente, ele tem aproximadamente dois séculos. "Antes do final do século XVIII, o homem não existia. Como também o poder da vida a fecundidade do trabalho e a densidade histórica da linguagem. É uma criatura muito recente que o demiurgo do saber fabricou com suas próprias mãos, há menos de duzentos anos(...) uma coisa em todo caso é certa, o homem não é mais antigo que o problema, nem o mais constante que tenha sido colocado ao saber humano. homem é uma invenção e a arqueologia de nosso pensamento mostra o quanto é recente. E quão próximo talvez seja o seu fim"

19 Há um aumento indiscutível da complexidade da organização social, elementos de uma sociedade mundial tornam-se cada vez mais presentes. 'integração' do Brasil no 'sistema mundo', traz como entrave a parte pobre e desajustada. O curioso é que, exatamente esta parcela é a responsável pelos melhores produtos da cultura nacional, que projetam o país no cenário mundial: o futebol, o samba, a mulata e agora o cinema.

Data de recebimento: 05/03/2004

Data de aprovação: 21/04/2004